

Trajetórias e modos de vida de jovens de espaços populares¹

Paulo Carrano (Universidade Federal Fluminense)
Geraldo Leão (Universidade Federal de Minas Gerais)

Este trabalho baseou-se em dados de pesquisa² sobre trajetórias, circunstâncias e configurações de vida de 06 jovens moradores de comunidade popular num dos morros da cidade de Niterói, Rio de Janeiro, cinco deles ex-participantes do *Projeto Arte Ação Ambiental* desenvolvido como “atividade extra-muro” do Museu de Arte Contemporânea (MAC).³ O estudo procurou compreender como esses jovens circulavam e se apropriavam da cidade, levando em consideração a rede de relações sociais e práticas que contribuem para configurar o espaço social nos quais estão imersos e também suas próprias individualidades. Entre outros objetivos, a pesquisa pretendeu “ampliar o conhecimento sobre a participação de jovens pobres na constituição do espaço urbano a partir da *descrição e análise de suas trajetórias de vida*”. (CARRANO, 2008).

Apresentaremos sínteses analíticas sobre as biografias de dois jovens participantes da pesquisa – uma mulher e um homem – com idades de 22 e 24 anos. Em um primeiro momento tecemos considerações sobre a metodologia da pesquisa. Em seguida apresentamos dados sobre dois jovens entrevistados. Por fim, fazemos algumas considerações a título de análise dos resultados iniciais da pesquisa.

1 – A metodologia da pesquisa

Durante o ano de 2008, a pesquisa entrevistou cinco jovens participantes e ex-participantes do Arte e Ação desde o seu início, em 1999, e uma jovem moradora do morro do Palácio não participante do referido projeto, mas que fazia parte das redes de amigos dos jovens convidados. Esses jovens foram escolhidos a partir de uma primeira fase exploratória para identificar os primeiros jovens participantes do projeto. Foram selecionados os jovens mais

¹ Comunicação apresentada no GT 23 *Jóvenes, cultura y poder en las ciudades* – na VIII RAM – Buenos Aires, 29 /09 a 02/10 - 2009.

² Pesquisa “Territórios juvenis na cidade de Niterói: jovens de espaços populares e esferas públicas participativas” (FAPERJ), coordenada por Paulo Carrano (bolsista de pós-doutorado sênior do CNPq e pesquisador da Faperj). Participaram da investigação de campo a assistente de pesquisa Daniele Monteiro e os bolsistas de Iniciação Científica: Luciano Dayrell, Patrícia Abreu, Sarah Esteves e Rodrigo Costa Monteiro.

³ No decorrer do texto, o *Projeto Arte e Ação Ambiental* será citado como *Arte e Ação* e o *Museu de Arte Contemporânea* como MAC.

significativos na história do projeto, além do critério de disponibilidade para participar da investigação.

As entrevistas, registradas em áudio e vídeo, duraram de 1 a 2 horas e ocorreram na Universidade Federal Fluminense, para onde os jovens se deslocaram semanalmente durante seis semanas, em horários definidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Na primeira entrevista, solicitou-se aos jovens que produzissem mapas de seus percursos pela cidade, indicando os locais mais frequentados por eles em seu cotidiano. Em seguida os participantes foram incentivados a falar sobre a importância e significado dos lugares retratados. As entrevistas posteriores giraram em torno de passagens biográficas e do cotidiano semanal dos jovens, atividade que denominamos de semanário. Aos jovens foram oferecidos cadernos para que estes registrassem suas rotinas e acontecimentos significativos.⁴

2 - Telton⁵: do morro para além do morro

Com 24 anos à época das entrevistas, Telton morava sozinho no Morro do Palácio desde que o irmão se casou. Namorava uma jovem moradora do morro, membro da mesma igreja evangélica que ele frequenta. A sua participação no Arte e Ação se iniciou entre os 14 e 15 anos. Ele concluiu o ensino médio na modalidade de magistério e atuava como educador social em projetos desenvolvidos pelo MAC.

Participou de seis entrevistas, cinco delas no campus universitário da UFF e uma em morro frequentado por evangélicos como um local de orações e retiro espiritual. Além disso, foram registradas situações no MAC e na comunidade onde morava. Em todas as entrevistas Telton se mostrou envolvido, respondendo às questões com interesse e desenvoltura. Ele se definia como pessoa calma e de fácil relacionamento. Dono de discurso bem articulado; uma marca desse jovem revelada durante o processo de entrevistas foi o tom reflexivo com o qual conduzia suas respostas sobre questões que tratavam de assuntos os mais diversos: momentos importantes de sua vida, interações e amizades, lugares e pessoas de referência, valores, etc.

⁴ Também foram feitas entrevistas e observações de campo – incursões fílmicas – em locais indicados pelos sujeitos da pesquisa como significativos da sua circulação: escola, bairro, igreja, trabalho etc.

⁵ Mantivemos os nomes verdadeiros dos entrevistados, isso porque a pesquisa será transformada em vídeodocumentário que revelará identidades tornando ociosa a tentativa de proteger os informantes sob a capa de nomes fictícios. Esta é uma questão ética adicional no desenvolvimento do trabalho de pesquisa com imagens que não teremos espaço para tratar nos limites deste texto.

Telton se referia à infância como uma *época mais inocente* do que hoje, quando as crianças eram mais lúdicas e criativas. Segundo ele, sua vida se passava basicamente entre a casa, a escola e o trabalho junto com o pai que era pescador. Suas amizades e atividades de lazer se desenvolviam nos espaços da casa e da escola, com o irmão e com alguns vizinhos que residiam mais próximos. Ressaltou que havia por parte do pai, a preocupação em vigiar os filhos para que não ficassem na rua. Percebe-se sua preocupação em criar uma rede de proteção e cuidado com os filhos que envolvia a família, a escola, a igreja e o trabalho e que se contrapõe a representações comuns sobre o abandono das famílias empobrecidas em relação às suas crianças. Ele se referia ao pai como alguém que tinha *um jeito meio firme*, com uma formação rígida das famílias tradicionais do meio rural. O pai sempre trabalhou como pescador e embora tivesse pouco contato durante o dia com os filhos devido à sua atividade, teve uma importância central na sua formação moral.

Ao falar de sua vida escolar Telton revelou ter vivido trajetória sem grandes dificuldades. Segundo relatou, sempre foi *bom aluno* e a escola era uma prioridade em sua vida. Com exceção do momento em que deixou os estudos na quinta série por dois anos, fase em que viveu crise devido à separação dos pais, o seu percurso escolar não teve outras interrupções. Segundo ele, essa foi a “fase mais complicada” de sua vida escolar, quando os professores mandavam recados pelo irmão para que ele voltasse a estudar. Não houve relatos sobre o seu retorno, mas tudo indica que ele não teve grandes dificuldades quando reassumiu sua carreira escolar numa escola estadual situada fora do morro que frequentou da quinta série ao Ensino Médio, quando se formou em Magistério.

Telton revelou lembranças positivas sobre a escola. Além de um local de aprendizagem e de fazer amigos, representações muito comuns nos depoimentos dos jovens sobre a experiência escolar, o seu depoimento revelou outro sentido da escola como *lugar de escape*: “A escola me fazia sair de fora daquele âmbito só de favela.” Nesse sentido ele valorizava a possibilidade de encontrar pessoas de lugares diferentes da comunidade. Para ele, o fato de estudar numa escola localizada fora do morro foi algo positivo. Para ele, quando crianças e jovens têm acesso a experiências educativas, de lazer e cultura, restritas ao local onde moram, há uma segregação no âmbito da própria comunidade.

Essas reflexões sobre a escola como local de encontro com pessoas com diferentes culturas, experiências e valores, o amadurecimento que tal experiência provoca e as potencialidades

presentes em instituições educativas localizadas fora do morro, parecem influenciadas por suas experiências de educador e líder religioso. O fato de frequentar e atuar em diferentes espaços – o museu, a ONG, os projetos sociais, os eventos promovidos pelas igrejas – lhe permitia elaborar um novo sentido para esse segundo momento de sua trajetória escolar. Provavelmente, como pano de fundo dessa reelaboração, estava sua experiência em projetos sociais desenvolvidos no bojo de políticas públicas, que buscam fixar as crianças e jovens em suas “comunidades”, muitas vezes a partir de um discurso supostamente progressista dos jovens como “agentes de desenvolvimento local”.

Desde a adolescência Telton participou de vários projetos sociais, atuando como monitor em um deles. Essa foi a sua primeira experiência como educador social. Além do aprendizado, essa primeira experiência significou a possibilidade de colaborar financeiramente em casa, satisfazendo o imperativo moral da retribuição dos mais jovens à família de origem. (SARTI, 1996).

Essas experiências por diversos projetos sociais dos quais participou e o envolvimento em um deles por um longo período de sua vida, permitiu-lhe vislumbrar perspectiva profissional nesse campo. No período das entrevistas Telton desenvolvia várias ações vinculadas diretamente ao MAC ou por intermédio dele. No museu ele era estagiário em atividades internas e monitor em oficinas e trabalhos educativos. Estava também envolvido na coordenação de oficina de papel reciclado oferecida no Morro do Palácio para crianças e adolescentes de projeto social desenvolvido em uma favela na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, trabalhava como voluntário em uma ONG que produzia e comercializava alimentos orgânicos e artesanato de reciclagem.

Ele atribuía grande importância do *Arte e Ação* na sua trajetória de vida. Um primeiro aspecto ressaltado por ele referia-se ao impacto no plano dos hábitos e gostos pessoais: uma maior concentração na escola, nas atividades de estudos e mudanças de hábitos em pequenas coisas do cotidiano (“se vestir, decorar coisas em casa”). Além disso, segundo ele a experiência proporcionou ampliar a sua *bagagem social*, o que parece se referir ao conjunto de conhecimentos e habilidades que lhe permitiram ampliar a sua rede de contatos e suas oportunidades de trabalho como educador social.

Parece haver um longo processo de socialização que se iniciou nos seus primeiros contatos com os projetos sociais ainda na adolescência. Uma das marcas desse processo de produção de si como jovem/monitor de projeto é a disposição para se envolver em múltiplas atividades. A heterogeneidade não se refere apenas às atividades, ele se vê como depositário de diferentes identidades: “Sou várias coisas: monitor, estagiário, arte-educador... Em cada lugar eu sou uma coisa.”

Da mesma forma, podemos perceber uma multiplicidade de outras experiências e práticas sociais nas quais ele se envolve ou já esteve envolvido: a militância religiosa, o tempo em que se envolveu com o *funk*, o trabalho voluntário em uma ONG. Esses vários “Teltons” nos remetem à figura do *homem plural* teorizada por Lahire (2002). Em sua proposta de desenvolver uma sociologia da ação que permita captar *a variação dos comportamentos individuais* esse autor nos chama a atenção para a heterogeneidade de disposições incorporadas pelo ator tanto em face de sua socialização anterior, como diante da pluralidade de contextos e práticas sócio-culturais que marcam as experiências humanas na contemporaneidade.

Podemos pensar na imagem do *jogo do eu* tecida por Melucci (2004) ao tratar da questão das múltiplas identidades nas *sociedades complexas*. Essas imagens de um *eu múltiplo* não devem nos levar a pensar em um sujeito fragmentado, incapaz de construir um sentido de unidade de si. Ao contrário, tal multiplicidade exige do ator o trabalho de produção de si, uma capacidade de “eleger” suas referências em meio a uma gama variável de possibilidades. Ao falar de seu trabalho, Telton parece buscar uma síntese entre essas múltiplas e heterogêneas experiências: “Se você me perguntar qual é a minha profissão eu falo que eu não sei. Eu acho que eu sou um bem intencionado que consigo ganhar a vida fazendo essas coisas... Trocando as experiências.” Para ele o trabalho como educador social estava ligado a aspectos como “ajudar as pessoas”, possibilitar o “crescimento pessoal e do outro”, ser um “facilitador” e um “multiplicador” de aprendizados na comunidade.

Telton via como uma grande responsabilidade as suas atividades como educador, uma vez que se sentia na obrigação de corresponder às expectativas que o museu e os educadores depositavam nele. Estava presente a idéia de retribuição como uma imposição moral:

“Eles depositaram muita fé, no caso, né? Depositaram trabalho, depositaram tempo em estar me capacitando e agora é o tempo de estar fazendo alguma coisa (...) *como as pessoas esperam, né?*”

Para ele, a confiança depositada trazia como contrapartida o peso da correspondência. Se um alto grau de responsabilidade parece ser uma marca pessoal em Telton, essa disposição pode estar também calcada nas suas várias passagens por programas sociais, tanto na condição de clientela como na de educador social. Geralmente esses programas tendem a transmitir aos jovens pobres a idéia de que são obrigados a dar contrapartidas aos benefícios recebidos, reforçando a idéia dos projetos como dádivas em contraposição à noção de direito. Por outro lado este seu comprometimento pode estar associado também à necessidade de preservar o lugar de confiança conquistado, preservando assim o seu vínculo com uma rede de educadores e as oportunidades de trabalho que isso proporciona.

Trata-se de saber se essa inserção duradoura dos jovens pobres em projetos sociais – *jovens de projetos* – e para alguns, a permanência na condição de *educador-mediador social* é capaz de assegurar a construção de uma identidade profissional vinculada a projetos de futuro como educador social. Podemos dizer que Telton estabeleceu trajetória de sucesso nos projetos aos quais esteve vinculado. No entanto, ele parecia transitar entre uma gama infinita de afazeres cotidianos e as incertezas das atividades que exercia como educador social.

Além de sua atuação nos projetos sociais diretamente vinculados ao museu, Telton era voluntário em uma organização não-governamental que desenvolvia ações na linha da reciclagem de materiais e produção de alimentos orgânicos. Essa ONG promovia todos os sábados, uma feira de produtos orgânicos e artesanais, além de um café onde ocorriam debates sobre temas diversos. Assim, todos os sábados pela manhã Telton podia ser encontrado na ONG atendendo aos clientes e divulgando o trabalho dessa associação.

Ao que parece, o trabalho nessa ONG configurava-se como uma oportunidade de estabelecimento de vínculos com rede social que propiciava o acesso a outras oportunidades de trabalho como educador social. Podemos dizer que o seu trabalho era visto como uma espécie de “militância social” importante para manter seus vínculos com esse universo das ONGs e dos projetos sociais. Ao mesmo tempo o espaço da feira proporcionava a inserção em espaço freqüentado por intelectuais das classes médias da cidade. O fato de não contar com um emprego duradouro, em tempo integral, impõe a esse jovem a necessidade de se inserir

em várias experiências numa espécie de “empreendedorismo social”. Nesse sentido, ele vive os mesmos dilemas do trabalho autônomo em suas diversas acepções – estágios, monitorias, voluntariado – como a precariedade em relação aos vínculos profissionais, imbricação entre tempos de lazer e trabalho e auto-responsabilização em termos de desempenho.

A Igreja Evangélica que Telton freqüentava praticamente todos os dias tinha grande importância em sua vida. Quando não estava nos cultos ou reuniões promovidas pela igreja, geralmente ele estava envolvido em atividades com outras pessoas do seu grupo religioso: estudos, aconselhamentos a jovens e a iniciantes, lazer, etc. A igreja ocupava quase que integralmente o seu tempo. Ela era um lugar privilegiado para encontrá-lo ou obter informações sobre seu destino. Como a família da sua noiva também participava da igreja, fazer o percurso da sua casa à igreja e à casa da noiva era praticamente uma rotina.

Telton entrou para a igreja aos 20 anos. Segundo ele foi um processo lento de aproximação, que começou aos poucos por curiosidade: “Bateu uma curiosidade e eu comecei meio que estudando.” Houve um movimento de conversão individual, que remetia primeiro à descoberta de Deus como referência na vida, resultando na adesão à igreja. Essa idéia da conversão como uma escolha do indivíduo, para além da submissão a uma instituição religiosa, estava presente nas práticas de comprar CDs e DVDs de pastores de diferentes igrejas e no hábito de se retirar para “orar” sozinho em um morro freqüentado por fiéis de diferentes igrejas das cidades de Niterói e São Gonçalo.

Quanto à importância da igreja em sua vida, um primeiro aspecto ressaltado por ele referia-se à inserção em rede de relações pessoais que tal participação permitia. Em diversos momentos Telton relatou situações de interação com os membros da igreja, principalmente com os jovens, que extrapolavam o espaço restrito dos cultos e reuniões. Sair para procurar produtos evangélicos, promover festas e almoços, visitar outras igrejas e passear foram atividades coletivas freqüentemente citadas.

Além disso, o “trabalho na Igreja” envolvia também um elemento de realização pessoal e reconhecimento social. No morro Telton era identificado como uma liderança religiosa juvenil. Segundo ele, o seu trabalho como *conselheiro* e *instrutor da igreja* junto aos jovens, adquiria também uma dimensão social. Parecia haver, nesse caso, uma complementaridade entre a sua atuação como educador e como membro da igreja.

Nos cultos ele podia fazer uso da palavra. Diversas vezes Telton relatava os momentos em que foi convidado a fazer a preleção do dia, o que envolvia um misto de responsabilidade e satisfação: “Quando você sente que foi bem, acho que tira um peso muito grande de cima de você”. Havia por parte dele uma valorização da dimensão comunicativa que se manifestava não apenas nas práticas religiosas – preleções, aconselhamentos aos jovens, reflexões em grupos –, mas também em outras esferas como nas oficinas que ministrava ou nas letras de *funk* que escrevia.

Relembrando sua vida no morro, relatou que ele e alguns colegas faziam questão de “ser um exemplo na comunidade”. Segundo ele, em contraposição ao jogador de futebol ou ao traficante como modelos de sucesso, ele se preocupava em ser uma referência de conduta para os jovens do lugar. No entanto, esse esforço para manter tal imagem não se fazia sem o conflito em relação os custos que isso acarretava para os seus projetos futuros, pois o fato de assumir várias tarefas exigia se sacrificar em relação aos seus projetos pessoais. Ele se utiliza da imagem de uma vela, que se consumia no ato de iluminar, para traduzir esses sentimentos. Ao se dedicar tanto *aos outros* – à igreja, ao trabalho voluntário, aos projetos sociais – ele manifestava que poderia estar deixando de cuidar de si.

Permanecer no morro, morando sozinho, foi uma escolha sua que não correspondia ao projeto familiar de que ele fosse morar com o pai pescador no interior do estado. Além de ser um lugar onde se sentia acolhido, onde tinha amigos e estava inserido em diferentes grupos sociais, o morro representava para ele maiores oportunidades de trabalho e de viver diversas experiências. Ao permanecer no morro ele mantinha a sua independência e poderia investir em projetos futuros, colhendo os frutos de sua dedicação, principalmente no que se refere aos projetos desenvolvidos pelo museu. Assim, apesar dos problemas que reconhecia no morro como a violência e o desemprego, a sua permanência num lugar de maior diversidade acenava para ele com mais possibilidades de estudar e se desenvolver profissionalmente.

Com relação ao futuro, as entrevistas coincidiram com o momento em que Telton e a namorada faziam planos de se casarem. Além disso, a continuidade dos estudos no ensino superior era uma questão não resolvida. Essas duas perspectivas de futuro – o casamento e a formação superior – situavam Telton em um momento em que ele se via (auto) pressionado a tomar decisões sobre o futuro.

Os educadores do MAC, o pastor e os amigos o incentivavam a cursar o ensino superior. Isso parecia se constituir em elemento de pressão e cobrança externa que ele transformava em cobrança pessoal. Ao mesmo tempo, se preparar para o vestibular significaria abrir mão de algumas atividades das quais gostava, como a igreja. Assim, à medida que o tempo passava, ele desenvolvia um sentimento de culpa: “Meio que você está enterrando o seu talento!” Ao mesmo tempo em que considerava que tinha potencial para fazer o ensino superior, Telton hesitava por achar que estava limitado para voltar a estudar. Ele se deparava assim com os limites das suas possibilidades. Apesar da trajetória escolar relativamente bem sucedida e de ser uma pessoa estudiosa, Telton se deparava nesse momento com a consciência de horizontes possíveis encurtados.

As entrevistas para a pesquisa constituíram-se em momentos fortes de reflexão sobre o retorno aos estudos. O ambiente, o contato com estudantes e pesquisadores, o deslocamento até a universidade, pareceu fazer emergir em Telton o sonho, muitas vezes adiado, de fazer um curso universitário:

“Ao mesmo tempo em que é legal, às vezes eu fico meio tenso. (...) ...eu estou entrando aqui para fazer um trabalho, mas eu gostaria mesmo é de estar entrando para estar estudando, entendeu? Aí eu fico meio assim... Aí, às vezes eu me cobro muito. Às vezes eu fico chateado comigo mesmo. Eu falo assim: Pô, você podia estar aqui, cara! Você pode correr atrás. Você pode... Não sei... (...) Eu olho, assim... é meio que um sonho. *Ao mesmo tempo que eu estou muito perto, eu estou muito longe*, entendeu? Fisicamente. (...) Faculdade é um sonho. Como eu falei em outro depoimento, eu acho que é a herança que nos foi deixada. (...) Eu acho que de onde eu vim, hoje já está muito melhor. Aonde eu cresci, quem chegasse ao segundo grau era herói.”

Esse sentimento de se situar num *entrelugar*, um perto-distante, um sonho com o qual pode conviver *fisicamente* com o deslocamento para a universidade durante as entrevistas, nos remete à experiência comum de jovens em contextos de inserção precária (MARTINS, 1997). Esses convivem com promessas em vários âmbitos – formação, trabalho e consumo – ao mesmo tempo em que sentem o peso das limitações para a sua realização. Com a ampliação do acesso ao Ensino Médio e Superior os jovens tendem a experimentar com maior força o sentimento de que a progressão na carreira escolar se distingue muito em virtude do pertencimento social de cada um.

Parece que o questionamento que ele se fazia sobre se deixar consumir pelos outros, tal como representou com a metáfora da vela, estava ligado ao sentimento de culpa por não conseguir concretizar o desejo de ingressar em um curso superior. Ao falar dessa questão ele dizia:

“Você vê que ajuda as pessoas a crescer e você está definhando! (...) A parada é crescer juntos. (...) Eu tenho meus sonhos, minhas metas, não posso abrir mão disso por nada, entendeu?”

E completa com a pergunta que, segundo ele, mais o incomodava: “Porque você não ainda não está na Faculdade?”

3. Isabela: das vivências do mundo ao recolhimento religioso

A Jovem Isabela, 22 anos, tem marcas biográficas bastante significativas que foram recorrentemente retomadas por ela em suas entrevistas. Aparentemente isso foi feito como forma de justificar sua adesão incondicional à igreja evangélica a qual se filiou após acontecimento trágico em sua vida. Casou-se, aos 19 anos, com rapaz quase dois anos mais jovem do que ela, tornou-se viúva aos 20 anos para logo em seguida ser mãe de um menino concebido no relacionamento com o referido jovem que foi assassinado no contexto de seu envolvimento com o tráfico de drogas.

A vinda de sua família para o Morro do Palácio, na cidade de Niterói, foi marcada por um acidente. O barraco no qual os pais moravam num morro da Tijuca, bairro da cidade do Rio de Janeiro, veio abaixo num deslizamento ocorrido nas fortes chuvas que acometeram a cidade no ano de 1988 e os pais foram acolhidos num cômodo de parentes um dos barracos na parte alta do Morro do Palácio. Isabela guarda poucas lembranças desta época dada a sua pouca idade, entretanto, o episódio se associa ao conjunto de acontecimentos trágicos que ela enumera para descrever sua trajetória de vida.

Tem poucas lembranças do pai que ajudava pouco em casa e muito cedo abandonou a família. A mãe também trabalhava fora para sustentar a ela e sua irmã mais velha que ajudou a criá-la. Isabela define sua infância como um período que passou necessidade, mas que esta teria sido mais “necessidade afetiva” do que material. A vida escolar também foi narrada sem muita empolgação por Isabela. A escola teria identificado um “problema”, um “tipo de doença”, que a dificultava aprender. “Eu tinha medo de aprender” e “tinha medo da professora ignorante”. Afirma que chorava, que “queria aprender, mas não conseguia”.

As professoras chamavam sua mãe para conversar sobre esta sua “doença” e ela lembra que chorava muito e que tinha vergonha de dizer em que série estava por conta das reprovações sucessivas. Em entrevista que realizamos com sua mãe, esta revelou que a dificuldade de aprendizagem foi diagnosticada como “dislexia”⁶. Na ocasião a mãe reconheceu que a filha era inteligente, mas que deveria ter algum tipo de doença mental, sim, que dificultava a aprendizagem na escola.

Ainda remontando-se a memória dos tempos de escola e tomando o diagnóstico escolar para si, Isabela, lembra que deixou de se interessar pela escola “porque não aprendia mesmo”. Da creche, lembra que a professora a chamava de “bobona”. E lembrou também do apelido de “Olívia Palito” que ganhou numa festa junina. “Eu era o patinho feio” na escola em que estudou da alfabetização até a quarta série e por isso não guardava boas lembranças. Entretanto, na outra escola que frequentou da quinta à oitava série ela “tinha colegas e se sentia o máximo”.⁷ As dificuldades de aprendizagem persistiram, mas em dado momento a escola era também o lugar da construção de amizades, de namorar e de descobrir novos lugares de divertimento na cidade, tal como o shopping e os bailes funk.

A “vida de baile” funk teria começado com fugas de casa, aos catorze anos, para participar em festas no “Cavalão”, outro morro da zona sul da cidade. A mãe inicialmente não deixava, mas ela ia escondida com a irmã. Com a persistência a mãe continuava reclamando, mas, por fim, deixava que ela fosse. Isabela faz questão de registrar que nos bailes ela não fumava maconha; “só queria dançar”. O circuito dos bailes funk entre morros e favelas das cidades de Niterói e Rio de Janeiro fez com que ela frequentasse diversas comunidades nessas duas cidades. Isabela ressalta que os bailes do Rio de Janeiro, especialmente na Tijuca, eram melhores do que os bailes de Niterói. Para os cariocas os bailes de Niterói eram “baile de roça”. Fez questão de ressaltar que nunca se drogou – “mente fraca vai (ao baile) e se droga” – porque “eu sempre tive a religião dentro de mim”, afirmou.

Isabela conta que sua vida sexual começou aos 14 anos e que quando conheceu Rafael, o pai de seu filho, a sua experiência, “inclusive amorosa”, era muito maior do que a dele. A jovem conta trechos de suas vivências anteriores à entrada na igreja, fazendo questão de registrar que

⁶ Dislexia, para além das reais implicações médicas em alguns casos, parece ser o nome que a instituição confere a sua própria incapacidade de ensinar a todos os seus estudantes.

⁷ A vida escolar de Isabela seguiu o caminho da defasagem idade-série encontrada na maioria dos jovens brasileiros, algo que a fez ingressar no curso supletivo de Ensino Médio que não concluiu.

em pouco tempo de vida experimentou “muitas coisas” e que “curtiu muito”. Em suas andanças pode conhecer todo o tipo de ambiente, desde os barracos “mais precários”, até os ambientes “mais cultos e bacanas”, e sobre isso dá como exemplos uma precária casa de madeira em que dormiu quando fugiu de casa aos 16 anos e outra “casa de 24 quartos” onde teria dormido por uma única noite.

Isabela afirma que depois de “ter vivido tudo o que ela viveu”, chegou um ponto em que decidiu “sossegar”, casar, ter filhos e esposo. E foi neste momento que conheceu aquele “menininho” com quem começou a namorar e com quem se casou após engravidar.

Aliás, não apenas a diferença de idade, mas o maior acúmulo de experiências de vida teria tornado trabalhosa a relação com seu companheiro. O que inicialmente era estimulante, ou seja, a possibilidade de “dar a direção” na vida de um homem mais jovem e inexperiente tornou-se o trabalho de cuidar de “outro filho”, considerando a imaturidade de seu companheiro. Aliás, “trabalho” que se tornaria bastante problemático e custoso pessoalmente com a entrada dele para o tráfico de drogas.

Isabela fala de seu ex-companheiro de forma ambígua. Em alguns momentos valoriza a paixão que sentia pelo pai de seu filho, mas, por vezes, registra as dificuldades pela qual passou por conta de seu envolvimento com o “movimento” – do tráfico de drogas – que antecedeu o seu assassinato.

Pensava que Rafael seguiria sua personalidade por ser mais novo que ela. E, durante algum tempo, comprovou que suas expectativas estavam certas e a relação era muito boa. “Meu filho foi feito com muito amor (...) muito carinho.” Entretanto, Rafael começou a criar sua própria personalidade e ela não conseguiu entender e aceitar. O rapaz tomou “caminhos errados” ao se envolver com o tráfico de drogas. Isabela estabelece, então, um quadro definidor da vida em comunidade de morro e favela em torno de três opções: 1) Sair da comunidade; 2) Viver nela sem se misturar muito; 3) Ficar na comunidade “vendo coisas” e acabar se envolvendo com coisas que não são “dignas”. É interessante notar nesta passagem que Isabela reconhece que a vida dos jovens nas comunidades não é um puro determinismo, pois, há opções ainda que muito limitadas. Em seu caso, a opção número dois parece ter sido a que foi feita, ou seja, ficar sem se misturar muito. A vida, contudo, lhe proporcionou o desafio inesperado de ter de lidar com a difícil situação de viver com um companheiro que “escolheu” a opção número

três, envolvendo-se e envolvendo-a em coisas de “bandido”, justamente no momento em que ela havia decidido “sossegar”.

Conta que o período do envolvimento de Rafael com o tráfico foi o período de sua vida em que se sentiu “mais só e atordoada”, mas que também foi o período em que reencontrou Jesus na igreja, “onde eu consigo encontrar a paz de espírito que eu perdi.” Isabela diz que achou um desperdício a perda do Rafael por ele ser muito bonito, um “moreno dos olhos verdes” e que essa perda foi a coisa mais triste que aconteceu em sua vida, que foi com ele que ela havia construído planos para sua vida. E que agora tem vontade de voltar aos estudos, fazer faculdade, “ser alguém”.

A jovem Isabela, sempre que se refere ao seu reencontro com Jesus e o seu ingresso na igreja, retoma a narrativa sobre os acontecimentos traumáticos em sua vida, aparentemente como forma de reforçar o papel de acolhimento e suporte da instituição frente a sua situação de atordoamento, ao seu sentimento de estar só e ao desamparo que afirma ter experimentado.

No mapa de percursos na cidade que desenhou evidencia que hoje percorre limitadas redes de relacionamento e tem poucos espaços de circulação em suas atividades de cotidiano e lazer. Retrata a comunidade do Morro do Palácio dando destaque ao campinho, a sua casa e à igreja, que é aonde ela vai todas as noites para “cultuar” e “congregar”, e que, segundo ela, é um lugar onde se sente bem. Ela desenhou também a única casa que ela frequenta na comunidade, a casa dos avôs de seu filho, Erick. Isabela diz que de vez em quando ela também vai ao centro de Niterói “só pra ver as novidades mesmo”, que ela gosta de andar, e que quando ela vê algo que ela gosta ela compra. Mas até mesmo sem dinheiro ela vai mais pra olhar mesmo.

O shopping aparece aqui não apenas como lugar de compra mas como espaço de sociabilidade e “consumo visual”. Isabela conta que o lugar onde ela mais gosta de ficar é o quarto dela e diz que, hoje, “não tem muitos lugares em seu mapa”, mas que antes de ter tido o Erick existiram muitos lugares que ela frequentava e “curtia” muito. Este comentário é revelador, pois, demonstra um ponto de inflexão em suas redes de amizade e espaços de circulação que foram radicalmente alterados pelo nascimento do filho. É preciso ter em conta também que a maternidade coincidiu com a morte de seu companheiro e de sua adesão à igreja. Isabela reitera em seu depoimento a importância do Orkut e do MSM para sua sociabilidade e também como forma de “matar o tempo”. Aliás, o tempo que não passa parece

ser um inimigo a ser derrotado para Isabela. A vida, em alguns momentos, foi definida como algo que se “arrasta” sem sentido.

A igreja para Isabela se tornou espaço quase que exclusivo para a utilização de seu tempo livre e fonte de relacionamentos não familiares.

As pessoas quando estão na Igreja não têm muito contato com quem não é, porque as conversas são diferentes, os fazeres *são* diferentes e os lugares freqüentados são totalmente diferentes, então, não tem muito porque você lidar, ter amizade com outras pessoas que não são da Igreja.

Este depoimento é exemplar da delimitação estabelecida por Isabela e que define a atual configuração social de seus relacionamentos que separa redes de amizades e espaços de sociabilidade entre os de dentro e os de fora da igreja; e que tende a dividir também o espaço urbano conforme suas propriedades religiosas naquilo que pastores evangélicos já denominaram como *espaços de salvação* e *espaços de perdição* (CARRANO, 2002). Isabela parece ter encontrado a cidade de Jesus, que a circunscreve a determinados espaços do Morro do Palácio, e a cidade do pecado povoada pelas memórias de suas experiências que busca esquecer.

Isabela compara sua vida com a história bíblica do redivivo Lázaro que teria ressuscitado dos mortos:

Eu já tava fedendo, já tava morta espiritualmente (...). Quando Jesus me encontrou passei a querer estudar. (...) A igreja não cobra, você só faz o que o seu coração manda. (...) Eu tô seguindo porque eu quero”.

Isabela afirma que se sente mais valorizada, hoje, por estar vivendo em “regime antigo”. Este depoimento forte procura configurar o quadro de morte em vida, representado pelo sofrimento com a morte do companheiro, com a percepção de que teria levado “vida errada” e que a entrada para a igreja representaria um novo nascimento. O “viver em regime antigo” representa o recato sexual que parece não ter tido em épocas anteriores à igreja. A igreja aparece em seu relato como o lugar onde se pode buscar a paz de espírito por opção e porto seguro “onde acaba a depressão”. Em vários momentos Isabela assim se definiu, ou seja, como alguém que tem depressão e que por isso teria necessidade tanto da igreja quanto da arte. A referência à arte se deve, principalmente, aos contatos estabelecidos no Museu de

Arte Contemporânea e, especialmente, pela aprendizagem de técnica de colagem de material reciclado que lhe permitiu confeccionar criativas bolsas que lhe despertaram o sonho de poder “viver da arte” e ser “artista famosa”, em rara demonstração que ainda consegue projetar seu futuro em outras esferas da vida que não àquelas circunscritas nos círculos da igreja que homogeneízam sua vida hoje.

4 – Considerações finais

Ao recuperar o percurso biográfico desses dois sujeitos da pesquisa, além de compreender a relação entre trajetórias de jovens e condição juvenil em um contexto social específico, este texto pretende explicitar o papel ativo de jovens das camadas populares na construção de suas trajetórias de vida. Mesmo vivendo uma série de limitações quanto às condições objetivas de vida, os jovens fazem escolhas e traçam estratégias, produzem saberes e criam alternativas de vida nem sempre marcadas pelo insucesso. Ao mesmo tempo se deparam com várias limitações que impõem um esforço redobrado para a efetivação de seus sonhos e projetos de vida e às vezes a readequação das expectativas aos horizontes possíveis. Neste processo lançam mão de disposições aprendidas em suas experiências de vida, tal como Telton que aprendeu o “ofício de ser aluno” e o utiliza em seus desafios no trabalho de educador social ou líder espiritual da Igreja; ou mesmo lutam para neutralizá-las em função dos novos compromissos assumidos e que, por vezes, como expressam os depoimentos de Isabela, exigem exclusividade de afetos e sentidos de pertencimento além do necessário apagamento da memória e rompimento de vínculos de sociabilidade.

Referências bibliográficas

- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade – Identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj.
- LAHIRE, Bernard. *O Homem Plural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MARTINS, José de Souza. *A exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MELUCCI, Alberto. *O jogo do eu. A mudança de si em uma sociedade global*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.